

O FIM DO MUNDO COMO FRONTEIRA FINAL

Marcia Heloisa Amarante Gonçalves (UFF)

RESUMO: O presente trabalho é uma expansão da minha pesquisa sobre contornos de pânico político nas narrativas de horror norte-americano. Buscando analisar a recorrência cíclica de uma paranoia apocalíptica em obras estadunidenses do século XX e XXI tomo como objeto de análise a série televisiva “Arquivo X”, produto cultural popular na década de 1990 que estreou uma temporada inédita em 2016, após um significativo hiato de quatorze anos. Uma vez que o material da série se apresenta vasto e variado, decidi não me deter em episódios específicos, selecionando para análise alguns *taglines* que embasaram a construção do chamado “arco mitológico” da série. São eles: “A verdade está lá fora”, “Não confie em ninguém”, “Negue tudo” e “Este é o fim”. Mais do que analisar o material da série em sua pluralidade de gêneros e subgêneros (uma combinação de ficção científica, horror sobrenatural, mistério e melodrama) busco identificar em sua mitologia elementos tipicamente estadunidenses que refletem e atualizam a história política do país, sobretudo a partir dos anos 1960. Desta forma, interessa-me explorar os aspectos da série que sugerem na temática do fim do mundo uma alternativa de avanço empreendedor remanescente dos *frontierman*, apontando assim para uma perspectiva de reforço, e não embaçamento, do ideal heroico estadunidense.

Palavras-chave: pânico; paranoia; política.

1. Ainda vitorianos: o ressaibo do gótico finissecular

A série *Arquivo X* é composta por uma abordagem audiovisual que se expandiu além dos 208 episódios transmitidos pelo canal de televisão Fox e ganhou dois filmes: *Fight the Future* (1998) e *I Want to Believe* (2008). Mais do que analisar o material da série em sua pluralidade de gêneros e subgêneros (uma combinação de ficção científica,

horror sobrenatural, mistério e melodrama) busco identificar em sua mitologia elementos tipicamente estadunidenses que refletem e atualizam a história política do país, sobretudo a partir dos anos 1960. Desta forma, interessa-me explorar os aspectos da série que sugerem na temática do fim do mundo uma alternativa de avanço empreendedor reminescente dos *frontiersmen*, apontando assim para uma perspectiva de reforço, e não embaçamento, do ideal heroico dos Estados Unidos.

Assim como todas as narrativas que se localizam no campo semântico do medo sobrenatural estadunidense, em *Arquivo X* é possível detectar o ressaibo gótico finissecular ainda sensível no palato do horror. O legado vitoriano no horror moderno, em especial, cristalizou-se nos Estados Unidos pelo cinema, sobretudo nas décadas de 1930 e 1940, período no qual os chamados “monstros clássicos” foram responsáveis pelo funcionamento pleno do combustível que mantém operante esta expressiva máquina de entretenimento estadunidense. O estúdio Universal destaca-se como veículo basilar para a penetração do gótico europeu em solo americano. Dois títulos formam os pilares desta base, ambos lançados em 1931: “Drácula”, com Bela Lugosi no papel título e “Frankenstein”, com Boris Karloff representando a criatura de Victor Frankenstein. Graças ao rico conteúdo arquetípico sugerido pelas duas obras literárias que os inspiraram, estes dois lançamentos em particular forneceram o subsídio necessário para a longa manutenção do gênero no cinema e, posteriormente, na televisão. Com “The Wolf Man” em 1941, a tríade do horror clássico estava completa: o vampiro, a criatura do cientista louco e o lobisomem.

Em seu estudo sobre história e memória cultural, a autora Kate Mitchell conclui sua análise sobre as recriações contemporâneas da era vitoriana indagando: “Será que somos assombrados pelos mesmos fantasmas que assombravam os vitorianos?” (MITCHELL, 2010, p. 180). Fiel à construção que ainda norteia as diretrizes do horror estadunidense, *Arquivo X* responde a esta pergunta não só ressuscitando os fantasmas do século XIX, como fazendo um esforço para compreendê-los à luz do século XX e XXI. É interessante notar que, mais do que ressemantizar os velhos fantasmas, a série busca decifrá-los, usando o próprio conceito de arquivo como recurso. O arquivo, como repositório de passado, acumula, organiza e historiciza a memória, fazendo o traslado do horror gótico europeu para as ameaças monstruosas do horror moderno estadunidense. De modo geral, em seus 208 episódios, distribuídos em dez temporadas, a série alternou duas premissas narrativas. A primeira contemplava o legado gótico, dialogando com a oposição do rigor explicativo da ciência com os mistérios

inexplicáveis da fé. Esta premissa deu ensejo aos episódios chamados de “monstro da semana”, por trazerem os protagonistas em confronto com a ameaça sobrenatural e em conflito com as suas próprias convicções diante da ambiguidade materializada no monstro. A segunda premissa construiu o arco narrativo da mitologia de *Arquivo X*, chamada “mitarco”. Este arco reúne toda a parte da trama que relaciona vida extraterrestre com conspiração governamental e é a grande contribuição da série para a inclusão de um mito moderno no repertório dos mitos ancestrais: os discos voadores.¹

A série acompanha a busca heroica de dois agentes do FBI, Fox Mulder (psicólogo formado na Universidade de Oxford) e Dana Katherine Scully (médica de formação, que trabalha também como legista) por provas que evidenciem a corrupção do governo estadunidense e revelem ao mundo que as autoridades do país estão há muito comprometidas como um sinistro pacto de silêncio no que diz respeito ao envolvimento do governo com entidades alienígenas. Mulder, afeito às teorias de conspiração, tende a deslocar todos os acontecimentos criminais investigados pelo FBI para o campo do sobrenatural, do místico e do conspiratório. Scully, doutrinada pela racionalidade da ciência, procura esclarecer os mistérios da série em termos médicos e psiquiátricos. A parceria dos dois, pautada pela excelência pessoal de cada um, dá ao espectador um maior escopo de compreensão, uma vez que, em suas leituras antitéticas, Mulder e Scully fornecem uma visão mais ampla de cada enigma da série.

Proponho uma breve análise dos temas históricos e políticos que habitam as entrelinhas de *Arquivo X* a partir das suas chamadas *taglines*: frases que pontuavam mudanças marcantes do arco narrativo da série. As *taglines* eram anunciadas ao espectador na abertura do programa, servindo como uma espécie de epígrafe ao conteúdo subsequente da semana. Além da *tagline* padrão *The Truth is Out There* (A verdade está lá fora), em suas dez temporadas a série introduziu vinte ‘epígrafes’, distribuídas em 208 episódios. Apresento-as a seguir, marcando em negrito somente as que serão discutidas no presente trabalho:

The Truth is Out There (A verdade está lá fora)

Trust No One (Não confie em ninguém)

Deny Everything (Negue tudo)

'éí 'aaníí'gÓÓ 'áhoot'é' (Significa "The truth is far from here" em Navajo)

¹ Ver Carl Gustav Jung, “Um mito moderno sobre coisas vistas no céu”, Editora Vozes, 2013.

Apology is Policy (Pedir perdão faz parte da estratégia)
Everything Dies (Tudo morre)
Deceive Inveigle Obfuscate (
E pur si muove (“Mas que se move, move”, frase atribuída a Galileu Galilei)
Believe the Lie (Acredite na mentira)
All Lies Lead to the Truth (Todas as mentiras conduzem à verdade)
Resist or Serve (Resistir ou servir)
The End (Fim)
Die Wahrheit ist irgendwo da draußen (“A verdade está, de algum modo, lá fora”, em alemão)
In the Big Inning (O começo; trocadilho com expressão de baseball)
Amor Fati (Amor ao destino)
Believe to Understand (Acreditar para compreender)
Nothing Important Happened Today (Nada importante aconteceu hoje)
erehT tuO si hturT ehT (“A verdade está lá fora” ao contrário)
They're Watching (Eles estão vigiando)
Dio ti ama (“Deus te ama”, em italiano)
This Is The End (Este é o fim)

2. “A verdade está lá fora”

A frase “A verdade está lá fora” é o *tagline* padrão de *Arquivo X*, normalmente finalizando a abertura da série. Inscrita sobre um céu crepuscular de densas nuvens, ela se sobrepõe à uma paisagem que revela uma floresta imersa nas trevas. A imagem se relaciona com a noção colonial estadunidense de *wilderness*, um território ainda inexplorado e selvagem, permeado por mistérios e ameaças insondáveis. No afã de desbravar, mapear e domesticar o Novo Mundo, os colonos ingleses criaram uma narrativa histórica de expansão e contenção, reféns de uma constante ansiedade de controle do que estava para além do descoberto. O que chamamos de *wilderness* pode ser definido como o passo adiante do limite traçado; o poço que esconde um abismo profundo; a natureza que insiste em resistir à constrição da civilização. Em termos míticos, simboliza uma região intocada, depósito insone de todos os pesadelos inconfessáveis dos puritanos. Todo o mal esterilizado e abolido das colônias

condensava-se nas florestas escuras e cerradas, lar das bruxas, dos bichos e dos demônios que os comandavam.

As atmosferas e enredos que evocam a *wilderness* em *Arquivo X* ampliam o escopo narrativo da série, oferecendo uma releitura do período colonial que serve para reforçar a ideia de produto cultural como lugar de memória. Para o autor John Kenneth Muir, este “vínculo explícito com o passado colonial norte-americano” posiciona *Arquivo X* como herdeiro de uma tradição que começa em Nathaniel Hawthorne e deságua na série criada por David Lynch, *Twin Peaks*: a da floresta como lugar misterioso por excelência. Para o autor, “*Arquivo X* escreve um capítulo novo nessa linhagem, vinculando a floresta não ao demônio ou aos espíritos malignos (...) mas a um fenômeno moderno e inexplicável: a abdução alienígena” (MUIR, 2015, p.129). Eu diria que *Arquivo X* vai além: a série não só insere os alienígenas na floresta, como trata o próprio espaço como uma nova floresta.

Deste modo, a noção de que “a verdade está lá fora” aponta para um movimento intrépido de empreendimento, pressupondo que o herói estadunidense, este ingênuo cavaleiro da verdade, precisa sempre avançar para encontrá-la mais adiante. A verdade não é imanente, é transcendente. É sempre uma projeção, uma prospecção de conquista, sucesso e progresso. A plenitude do sonho americano jamais pode ser alcançada, pois o sonho americano é um sonho *de futuro*. Uma vez que a conquista plena ameaça a perspectiva de desenvolvimento, congelando o empenho que tradicionalmente caracteriza a mobilidade ascendente rumo ao topo, o território não explorado é, na verdade, o agente regulador da produtividade coletiva.

Mulder e Scully, em sua busca inescapável e infindável pela verdade, reproduzem um ideal colonial de dinamismo e doutrinação. São os *frontiermen* do futuro, reivindicando a perenidade da *wilderness* tanto na terra, como no céu. Os desbravadores do século XX e XXI não se atêm à penetração das florestas e ao traslado dos mitos de fundação estadunidenses para a nova era. Eles buscam a *wilderness* do espaço, projetando o ímpeto de mapeamento para fora do planeta e, sugerindo assim, que o destino manifesto dos Estados Unidos não se esgota nos limites da Terra e se expande para a conquista do universo.

Buscar a verdade é entender e digerir um passado traumático, realinhar as perspectivas de presente equilibrando crença e ciência e imunizar-se para “combater o futuro” usando um arquivo que não só comporta a memória, como a comprova. Mas, em consonância com o *ethos* estadunidense, buscar a verdade também trai um desejo de

apossar-se dela, de torná-la emblema de superioridade. Em outras palavras, a verdade pode estar “lá fora”; desde que o “lá fora” seja anexado ao território norte-americano.

3. “Não confie em ninguém”

A frase “*Trust no one*” surgiu no último episódio da primeira temporada, em 13 de maio de 1994. Ela reproduz as últimas palavras de Garganta Profunda – personagem que, assim como seu homônimo no célebre caso Watergate, serve de informante para Mulder. Garganta Profunda, supostamente executado pelo governo como punição por compartilhar informações confidenciais com Mulder, emite antes de morrer a frase que irá acompanhar todo o mitarco de *Arquivo X*, funcionando como uma espécie de mantra admonitório que visa manter os protagonistas da série em constante estado de alerta. Ela serve também para nortear uma triagem que decanta aliados de inimigos, polarizando de maneira didática os personagens recorrentes que orbitam os protagonistas. Assim, Mulder e Scully já sabem que a elusiva e indefinida verdade que buscam está fora de seu alcance imediato, mas precisam, neste segundo momento, absorver e digerir a lição que os norte-americanos aprenderam nos anos 60 e 70: não é possível confiar na inviolabilidade moral do país.

O mitarco tem como sustentáculo basilar as nuances de medo e desproteção provocadas pelo escândalo conhecido como Watergate, que não só arruinou o segundo mandato presidencial de Richard Nixon, como o levou a ser o primeiro e único presidente na história dos Estados Unidos a renunciar o seu cargo. No entanto, já é possível detectar essa noção de desconfiança compulsória generalizada em acontecimentos históricos pregressos, como a ameaça nuclear da Guerra Fria e o assassinato do presidente Kennedy, ainda nos anos 60. A atmosfera do início dos anos 1960 - com JFK bradando a bandeira de todas as Novas Fronteiras alcançáveis, uma figura quase bíblica conduzindo os Estados Unidos à terra prometida do Futuro Glorioso, logo seria maculada com sangue, violência e revolta. O assassinato do presidente em 1963 não só catapultaria o país para dentro do caos e gestaria uma numerosa prole de teorias de conspiração, como abriria caminho e espaço para a ascensão de Nixon.

A gênese do “*Trust no one*” está diegeticamente associada ao arco narrativo da série que emula, a partir da década de 1990, o escândalo de Watergate nos anos 70. Chris Carter, o criador de *Arquivo X*, reconheceu em entrevistas que o subtexto de

pânico político da série é produto de uma desconfiança pessoal que atribui ao fato de ter vivido Watergate em seu desenrolar diário, na obsessiva cobertura jornalística que o esmiuçou, denunciou e, sobretudo, televisionou. “Quando você é um garoto de 16, 17 anos, perder completamente a fé nos seus líderes é algo perturbador” (CARTER in: MUIR, 2015, p. 60), declarou ele. “Não confie em ninguém”, em última instância, traduz-se como “não confie no governo”. Não obstante, ao longo de suas dez temporadas, *Arquivo X* nos doutrina a diferenciar indivíduo de espécie, mostrando que, embora o governo não seja de confiança, existem agentes governamentais humanos e valorosos que defendem e protegem os protagonistas. Assim, se por um lado “não confiar em ninguém” pressupõe um imperativo de impermeabilidade que alija Mulder e Scully do social e do coletivo, estabelecendo uma cisão entre os protagonistas e os demais personagens, “não confiar em ninguém” também aponta para a oportunidade de parcerias invioláveis, uma vez que o produto de uma triagem rigorosa há de ser digno de distinção e manutenção.

Por fim, cabe contextualizar que o autor da frase “Trust no one” é um personagem pontual da série, uma figura anônima do governo que auxilia Mulder oferecendo informações confidenciais em segredo. Apelidado de Garganta Profunda, ele mimetiza o seu homônimo histórico, o informante secreto que auxiliou o jornalista Bob Woodward a desembaraçar a trama de Watergate. Carl Bernstein e Bob Woodward foram os jovens jornalistas do Washington Post responsáveis não só pela cobertura do escândalo, mas pela sua investigação. Em *Arquivo X*, há uma atualização do contexto investigativo, mas não de sua metodologia. Os heróis jornalistas foram substituídos por agentes governamentais, mas o *modus operandi* da investigação é o mesmo: códigos, encontros furtivos em estacionamentos, envelopes de papel pardo lacrados, telefonemas misteriosos, mensagens cifradas. Mais do que uma homenagem nostálgica, as referências à Bernstein, Woodward e Garganta Profunda servem para reforçar o senso de relevância do arquivo, sugerindo que os pilotes do passado são garantias estratégicas de solidez à construção do presente.

4. “Negue tudo”

A frase “Negue Tudo” nos remete à política imediata de abstenção de culpa em face de uma denúncia que comprometa a sacralidade da confiança depositada nas lideranças de governo. Ainda operando no recorte temporal que abrange os primeiros

anos da década de 1970, *Arquivo X* oferece o seu comentário às declarações de Nixon negando o seu envolvimento no escândalo de Watergate e antecipa às declarações de Bill Clinton quatro anos mais tarde, quando negou qualquer relação imprópria com Monica Lewinsky. “Negue Tudo” também atende à crítica subjacente do mitarco, que expõe as constantes recusas das autoridades estadunidenses em admitir evidências de vida extraterrestre.

Embora o escândalo que revelou ao mundo o envolvimento do presidente Nixon em diversos esquemas políticos escusos não tenha sido o primeiro golpe histórico na solidez da presidência, a recusa de Nixon em reconhecer e assumir a sua culpa publicamente foi o que, em caráter pontual e definitivo, conspurcou para sempre a ebúrnea e imaculada inocência da Casa Branca. A fissura do escândalo abalou a estrutura política do país, mas o que fez com que a construção do mito de inocência caísse por terra foi a mentira. Quando Nixon se dirigiu ao povo americano em abril e em agosto de 1973, defendendo “a integridade da Casa Branca” e negando qualquer conhecimento prévio ou participação no escândalo; quando ele atribuiu ao governo um patamar ‘sagrado’ de confiança e se disse ‘determinado a ser digno dessa confiança’, ali é possível detectar o adensamento de nuvens sobre a presidência e prever a chuva negra que mergulharia o país em um longo período de escuridão política.

Em 1974, as ilusões haviam acabado. JFK fora assassinado, Martin Luther King Jr. fora assassinado, Robert Kennedy fora assassinado, Richard Nixon mentiu primeiro e renunciou depois. A Guerra do Vietnã foi um banho desnecessário e generalizado de sangue e o *layout* “paz e amor” do movimento de contracultura foi profanado com a indelével imagem de Charles Manson e sua “família” *hippie* servindo de garotos propaganda da juventude americana na era de Aquarius. Talvez apenas uma narrativa de pânico e conspiração dê conta dos acontecimentos históricos que moldaram os Estados Unidos com a sangrenta massa dos anos 1960. A década da ferida aberta da inocência, da mutilação do sonho, da comunhão dos braços entrelaçados nas passeatas, do delírio psicodélico, do pranto irrestrito, do presidente morto, do pastor assassinado, da guerra que deixaria uma nódoa indelével na identidade nacional. Para cada conquista, uma perda; para cada avanço, um luto. Uma época de ruidosos silêncios e gritos abafados, de reconfigurações, acordos frágeis, excisões ideológicas e enxertos compensatórios. Se o país entrou na década de 1970 amputado, é possível então ver coerência nas múltiplas e imprecisas dores fantasmas em seu corpo político.

5. “Este é o fim”

Por que, após um hiato de quatorze anos, uma série volta para acabar? A resposta é simples: após contemplar o fim por duas décadas, *Arquivo X* finalmente encontra senso de oportunidade, na atualidade dos pânicos políticos, para se fazer não só sintomático, profilático e profético, e sim sincrônico. Muito além de um sintoma, o apocalipse de *Arquivo X* é, como postulou Peter Knight, um diagnóstico. Para o autor, “Se *Arquivo X* é um sintoma de um regresso recente à paranoia na sociedade americana, também é um diagnóstico sofisticado e irônico da mesma doença.” (KNIGHT, 2000, p. 17). Deste modo, o anúncio do fim não deve ser lido como um desfecho e sim como ponto de partida. É enfim chegada a hora do espectador descobrir o que *Arquivo X* tem para nos contar. O “era uma vez” ressemantiza-se em “será desta vez”.

Se o fim de mundo é a busca por uma nova colônia inexplorada, é também um desejo perene de confronto com um antagonista. Assim, a presunção do mal e do perigo é uma justificativa para uma cruzada heroica de ocupação territorial de um inimigo não-civilizado ora demoníaco, ora sobrenatural, ora alienígena, mas sempre ameaçador. Neste embate inevitável, o herói estadunidense reencontra o seu propósito e restaura o objetivo que mantém em movimento a engrenagem do maquinário americano: a supremacia de uma vitória que os preserva como povo universalmente eleito.

Em suas dez temporadas, *Arquivo X* sempre se ocupou do fim do mundo. Buscando estofo no passado colonial, tomando emprestado o universo gótico, criando e recriando os eventos históricos que marcaram os Estados Unidos do século XX. Conjugando paranoia, pânico político, terrorismo e terror, a série construiu uma mitologia moderna que confronta o que visto no céu com o que não queremos ver na terra. O arquivo reside na intercessão do que “queremos acreditar” com o que “buscamos não esquecer”. E o ambíguo X é incógnita, mas é também precisão, demarcação de território. Afinal, não existe memória sem um marco.

No fim do mundo de *Arquivo X*, Mulder e Scully descobrem que a verdade, há muito buscada, é a própria verdade em si. E que “querer acreditar” extrapola o desejo de uma crença futura para trair uma profissão de fé, pois quem quer acreditar, já acredita. Deste modo, é na constatação de que o medo do fim os tornou inócuos ao medo que eles podem combater a ameaça de extermínio se conectando com o que desafia o desfecho temporal da existência: os laços afetivos, a memória compartilhada e um legado fértil em herdeiros. O episódio final da décima temporada encerra com a perspectiva de

aniquilamento do mundo, mas também com a de reencontro do filho que os protagonistas tiveram juntos. No combate ao antagonista necessário, a família nuclear reencontra a sua vocação. Vislumbrando o fim, a solidão compartilhada de Mulder e Scully é instada a se amalgamar em unidade indivisível de colaboração. O fim do mundo da série é, previsivelmente, cristão. A confiança sagrada converte-se em sagrada família.

Prospectar o fim é mapear o fim; antecipa-lo em seus hipotéticos desdobramentos a fim de esmiuçá-los, transformando compreensão e previsão em eficazes medidas apotropáicas. O arauto do apocalipse é a apoteose do arquivo, o momento mítico para onde converge todo o acúmulo de memória da série, onde o mito deixa de ser arco para ser arca - espaço dos eleitos, veículo dos vencedores.

Referências:

JUNG, Carl Gustav. *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

KNIGHT, Peter. *Conspiracy Culture: From Kennedy to the X Files*. Londres: Routledge, 2000.

MITCHELL, Kate. *History and Cultural Memory in Neo-Victorian Fiction: Victorian Afterimages*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2010.

MUIR, John Kenneth. *The X-Files FAQ: All That's Left to Know About Global Conspiracy, Aliens, Lazarus Species, and Monsters of the Week*. Milwaukee: Applause Books, 2015.